

A importância da leitura e escrita para enfrentar as dificuldades de aprendizagem¹

Simone Sonise Zuffo*

Hélio Sales Rios**

Introdução

A aprendizagem dos conhecimentos atribuídos como específicos da educação formal, a ser desenvolvida pelos alunos a partir da mediação do professor no espaço escolar sempre foi considerada como o resultado do processo educacional de escolarização, pelo menos no que tange ao ambiente educacional, no que se refere à aquisição cognitiva.

A sua aplicação passa a se dar dentro ou fora dos muros da escola, mas isso só é possível quando a aprendizagem acontece de fato e passa a ser acessível e disponível para outros sujeitos, nos grupos sociais dos quais o aluno seja parte integrante. É a aprendizagem o objetivo de toda e qualquer escola, não importa qual seja a sua modalidade, deve-se trabalhar com definições de quaisquer níveis escolares existentes e estabelecidos por lei, tenha seus alunos a faixa etária que tiver.

Entretanto, em alguns momentos, esta aprendizagem escapa às expectativas do professor, restringido a uma determinada restrição do saber. Quando este não alcança, não desenvolve as habilidades e competências no período previsto para a referida aprendizagem.

Existe uma diversidade de estudos que buscam compreender como a aprendizagem ocorre, tentando obter alguns esclarecimentos por que uns aprendem com maior facilidade determinado conteúdo, enquanto outros não compreendem e não

¹ Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Mestre de Educação – Gestão Escolar – Faculdade INTEGRALIZE CORPORATION EDUCAÇÃO E SERVIÇOS DE INTERNET, como requisito para obtenção do título de Mestranda em Educação.

* Mestranda em Educação.

E-mail: futuro.futuro@outlook.com.br

** Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1989), especialização em Estudos Brasileiros pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1995), mestrado em Estudos Brasileiros pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1995) e doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2002). Atualmente é Professor Titular I-B da Universidade Metodista de São Paulo. Tem experiência na área de Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: conflitos no campo religioso, Ecumenismo, MST, História Oral, Observação Participante, Fé e Religião.

progridem. Como o educador pode estimular, instigar e obter êxito no processo de ensino-aprendizagem. Estas são algumas inquietações que fazem parte do dia-a-dia de muitos educadores.

De acordo com Antunes (2003), dentre as dificuldades de aprendizagem, as principais são encontradas em sua maioria entre alunos quando criança que não sabem ler nem escrever, ou melhor, não conhecem as letras do seu nome. Além disso, por vezes estes alunos têm dificuldades de interagir com os colegas de turma e também com o professor, ou ainda não participam das atividades nem frequenta as aulas e, até mesmo quando se abstém de ajuda no exercício das tarefas escolares, esses são exemplos de algumas das dificuldades encontradas em sala de aula.

O interesse por essa temática se deu pelo fato de muitas vezes passar pela experiência de conviver com esses problemas, vivenciados em sala de aula por alunos muitas vezes incompreendidos, tanto pelos professores como pelos familiares, provocando o desejo de compreender melhor essa questão. A convivência diária com alunos difíceis no aprender, as exigências dos pais insatisfeitos, as sugestões de outros professores de como melhorar, de como evitar esses fracassos escolares, tem levado a perguntar o porquê de tais dificuldades.

O indicador de crianças com dificuldades na aprendizagem é um fator muito alto. Tais alunos são, muitas vezes, condenados ao fracasso escolar por falta de possibilidades que eles mudem estas circunstâncias educacionais. Em meio a essas dificuldades incompreendidas, leva-nos a querer analisar e tentar compreender alguns passos dessa problemática, que a cada dia tem aumentando em meio às populações.

Para Antunes (2003), perceber e agir de maneira positiva sobre essas dificuldades, de forma que possa fazer e acontecer a aprendizagem, e propiciar que o aluno ultrapasse seus limites, que em sua maioria, pode ter alguma deficiência cognitiva, física e, até afetiva, representa o objetivo de muitos dos profissionais que acreditam nas transformações que o processo educativo possibilita.

Desta forma, esta pesquisa parte de uma inquietação pessoal, como profissional da educação infantil, temos notado que alguns alunos apresentam alguns obstáculos no processo de desenvolvimento da leitura e da escrita para o desenvolvimento da aprendizagem da criança em idade escolar.

Dessa forma, interessa-nos investigar algumas estratégias de ensino e aprendizagem, explanadas por autores que pesquisam esta temática, que podem amenizar os obstáculos causados pela não compreensão no processo de

desenvolvimento da leitura e da escrita para o desenvolvimento da aprendizagem da criança em idade escolar.

Leitura e letramento: a oralidade e a escrita

Tendo em vista a importância do Ensino Fundamental, sob o ponto de vista das múltiplas aprendizagens dos alunos, faz-se necessário destacar que tal temática, associada a outras, norteia todo o fazer pedagógico do professor enquanto mediador do conhecimento. Tal conhecimento é realizado em parceria com a escola, a família e a comunidade, no sentido de proporcionar ao educando o prazer pelo estudar de forma reflexiva, despertando-lhe prazer, motivação em tudo o que este realiza.

O aluno é um ser ativo. Ao chegar à escola, já reúne conhecimentos prévios e uma aguçada curiosidade de empregá-los para cada vez mais se apropriar do mundo à sua volta. Intervir nesse processo é um grande desafio para todos nós educadores. Cabe-nos, professores, o papel, entre outros, de organizar, de maneira dinâmica e variada, toda essa construção inicial já incorporada pelos nossos alunos.

Educar significa, portanto, proporcionar situações de cuidados e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possa contribuir para o desenvolvimento das capacidades do aluno de relação interpessoal, se ser e estar com os outros, em uma atitude de aceitação, respeito e confiança, e o acesso pelos alunos, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (BRASIL, 1998, p. 23).

Para o aluno aprender, se percebe que é necessário que haja uma disposição tanto cognitiva como emocional para haver interação e cooperação. Para esse envolvimento acontecer é certo que o professor faça a mediação entre o aluno e o processo de aprendizagem, facilitando os meios ou instrumentos que possam levar o aluno a criar habilidades e competências necessárias para saber ler, compreender as entrelinhas e desejar saber mais, que sinta necessidade de ler.

O trabalho desenvolvido no Ensino Fundamental apresenta-se norteado por vários eixos temáticos, que englobam fatores como interpretação, oralidade e escrita dentre outros aspectos, visto que há uma gama de conhecimentos que se intercalam no sentido de trabalhar as muitas estratégias visando um bom desenvolvimento nas classes a serem trabalhadas. Estes conhecimentos são passíveis de serem analisados, reestruturados e isto faz o professor, enquanto profissional, capacitado a orientar, conduzir o exercício prático pedagógico em sala de aula. É sabido que “o conhecimento não se constitui uma cópia da realidade, mas sim fruto de um intenso trabalho de criação, significação e (re) significação (BRASIL, 1998, p. 39).

Através deste constante trabalho de ressignificação de conhecimentos, ou seja, dar outro significado, outro sentido a algum acontecimento, principalmente em se tratando de algo negativo, que requer objetividade, instrumentalização, troca de experiências é possível articular as temáticas relacionadas à oralidade e à escrita contextualizando-as com os meios de comunicação, temáticas estas muito discutidas e trabalhadas nas séries iniciais do processo de aprendizagem.

Há uma grande necessidade de o professor possibilitar aos alunos o trabalho de interação, problematização, questionamento destas temáticas, através de um trabalho crítico, reflexivo e dinâmico, seja na linguagem oral ou escrita ou entre outros componentes curriculares, preparando assim os alunos para o mundo e para a vida.

É possível aplicar um acompanhamento satisfatório para cada aluno, uma vez que todo um trabalho baseado na oralidade e escrita vem desde as séries iniciais, facilitando assim o desenvolvimento da aprendizagem. Isso pode ser realizado através de variadas estratégias metodológicas referentes à oralidade e escrita que o professor tem em suas mãos para realizar um trabalho específico. Segundo os PCNS:

É necessário refletir com os alunos sobre as diferentes modalidades de leitura e os procedimentos que elas requerem do leitor. São coisas muito diferentes, ler para se divertir, ler para escrever, ler para estudar, ler para descobrir. Esses procedimentos especializados que precisam ser ensinados em todas as séries, variando apenas o grau de aprofundamento em função da capacidade dos alunos (BRASIL, 1998, p. 52).

Quando a oralidade e a escrita são efetuadas com prazer, o aprendizado dos alunos torna-se mais significativo para os mesmos, facilitando assim o trabalho do professor em classe. Esse grau de aproveitamento também está relacionado à faixa etária a ser trabalhada e à temática associada ao domínio de conhecimento que eles possuem. Para Kramer (2001, p. 105):

A importância da escrita como uma das múltiplas linguagens que precisamos desenvolver baseada na ideia de que a escola e aqueles que nela trabalham, ainda não aprenderam a explorar o potencial de criação da escrita, e insiste numa escola instrumental, funcional, repetitiva, mecânica e esvaziada de sentido.

Para que as realizações dessas atividades sejam bem-sucedidas, estas devem estar pautadas na diversidade de tipologia textual, no trabalho de escrita e reescrita de texto, na interpretação dos mesmos, criando no aluno o gosto e prazer pela leitura, no planejamento, das atividades docentes, elemento imprescindível na relação teoria e

prática em sala de aula. A importância do planejamento em sala fornece bastante subsídio para a prática pedagógica, permitindo assim a tomada de decisões por parte do professor através da ação/reflexão/ação. A reflexão de Libâneo (1991, p. 221) é salientada neste sentido quando ele aponta que:

O planejamento escolar é o planejamento global da escola envolvendo o processo de reflexão, de decisões sobre a organização, o funcionamento e a proposta pedagógica da instituição. É um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social.

Os fatores coerência e coesão, são fundamentais para desenvolver toda e qualquer prática pedagógica em todas as instâncias da aprendizagem. Nas entrelinhas Libâneo (1991) ressalta o planejamento como uma bússola norteadora das atividades docentes, sem a qual os seus objetivos jamais poderão ser alcançados. O trabalho realizado através do planejamento prévio por parte dos professores confere seriedade naquilo em que realizam. Cury (2003, p. 24), complementa tais atividades docentes discorrendo que:

Não basta ser eloquente. Para ser um professor fascinante é preciso conhecer a alma humana e descobrir ferramentas pedagógicas capazes de transformar a sala de casa e a sala de aula num oásis, e não uma fonte de estresse. É uma questão de sobrevivência, pois caso contrário, alunos e professores não terão qualidade de vida. E isto já está acontecendo.

A fascinação pelos elementos linguísticos pode ser facilmente trabalhada desde quando o professor se mostre capaz de dinamizar estratégias com vistas a um bom trabalho com os seus alunos, visando alcançar as metas e os objetivos propostos uma vez que o professor tem todas estas estratégias em mãos, resta desenvolver um trabalho orientado, observando todos estes fatores que são de fundamental importância para a sua prática pedagógica.

Leitura e escrita: desafios e estratégias

Percebendo as dificuldades de muitas escolas em ensinar o aluno a ler e a escrever, ou melhor, tornar a leitura e a escrita uma forma interessante e prazerosa, veio a necessidade de criação deste capítulo, para ajudar a fornecer propostas, através de teorias e conhecimentos de grandes autores. Com a intenção de aperfeiçoar e melhorar o conhecimento sobre os métodos eficazes para a melhoria do ensino da leitura e da

escrita nas escolas, procurando colocar em prática as diversas teorias abordadas de forma prática e significativa.

O ensino-aprendizagem de leitura e escrita desde a educação infantil até os anos iniciais do ensino fundamental não é uma tarefa fácil, e sim um grande desafio dos educadores em encontrar a melhor maneira de ensinar a ler e escrever no momento certo.

De acordo com Bispo (2000), atualmente a alfabetização e letramento tem representado uma das grandes dificuldades da escola. Hoje é um dos grandes desafios encontrados pelo docente na sua prática educacional é ensinar a ler e escrever o mundo ao seu redor e não apenas a decodificar sinais.

Partindo do pressuposto de que é necessária e urgente a mudança em torno deste tema, para que assim, se possa inserir cada vez mais o educando no mundo fazendo com que o mesmo seja um sujeito ativo, ou seja, agir no mundo no qual ele está inserido. É que a temática central que permeia as escolas hoje, ainda é, como estimular os educandos a descobrir e se interessar pelo fantástico mundo da leitura como fator primordial para se chegar a cultura escrita de forma consciente participativa e crítica. Isso tem ocorrido bastante devido até mesmo a falta de uma metodologia que aborde este tema de maneira qualitativa.

Para Bispo (2000), quanto mais cedo histórias orais e escritas entrarem na vida da criança, maiores as chances de ela gostar de ler. Primeiro elas escutam histórias lidas pelos adultos, depois conhecem o livro como um objeto tátil que ela toca, vê, e tenta compreender as imagens que enxerga.

E é nesta perspectiva que nasce o interesse em buscar subsídios para esta problemática, a fim de elevar o potencial dos educandos, e enriquecer o trabalho dos educadores na concretização do objetivo central da educação, que se baseia em: oferecer uma educação de qualidade para todos.

Entender o processo de alfabetização das crianças através da leitura e escrita é uma condição que está fundamentada e integrada na vida social, onde educadores sabem que alfabetizar é uma tarefa difícil e sujeita as influências de inúmeras variáveis, tais como fatores pedagógicos, psicológicos e sociais que não se relevam, explicitamente mas no decorrer do processo tornando-se favorável seu estudo numa perspectiva de ampliar seu conhecimento no mundo letrado.

É verdade que a realidade não pode ser mudada de outra para outra, mas se realmente os educadores – e principalmente os alfabetizadores – estiverem

verdadeiramente dispostos a mudar esse quadro assustador, podem dar um grande passo para a concretização do objetivo da educação formar cidadão capaz de interagir na sociedade em que vive utilizando com ponte a leitura e escrita para a efetivação da comunicação.

O comodismo também deve ser deixado para trás para que assim não só os educandos, mas também os educadores, possa mergulhar no fantástico mundo da leitura e consequentemente da escrita. É preciso caminhar em uma nova direção e que esta torna-se uma meta, estimular nos educandos, um desafio e formar um indivíduo leitor e escritor. Este é um objetivo a ser concretizado pela alfabetização e letramento.

As primeiras leituras e os recursos metodológicos de incentivo à leitura

Aprender a ler tem sido comparado a um trabalho intelectual. A fase preliminar de conhecimento e a palavra escrita é o nascimento cognitivo das crianças à cultura jurídica e da escola na qual a transmissão cultural é feita principalmente através de textos escritos. Eles são um veículo de pensamento e conhecimento entre as gerações.

O uso da metáfora comparativa para descrever o parto a aprender a ler é explicado. Ao nascer, não se faz parte, mas que o parto é uma consequência da gravidez, em que interagiram durante nove meses determinantes biológicos, estímulos genéticos e ambientais.

Da mesma forma, a aprendizagem da leitura é o culminar de um processo que começa anos antes de ingressarem no primeiro grau e que é produzido, mais ou menos facilmente, dependendo das condições em que as crianças abordarem a linguagem escrita. Seguindo essa metáfora comparativa, e há crianças que estão melhores preparadas do que outras para sobreviver ao nascer, há algumas que estão melhores preparadas para aprender a ler e escrever, o que não depende apenas das clínicas ou médicos, nem o currículo ou professores.

Em seu sentido mais amplo, aprender a ler significa aprender a pensar de outro modo, e esta aprendizagem envolve um desenvolvimento da inteligência verbal, aplicável a aprender outras habilidades. No entanto, a evolução dos processos cognitivos necessários para esse aprendizado não muda qualitativamente quando as crianças de jardim de infância passam o primeiro ano, mas vai diferenciar a configuração mais complexa, que, depois de alguns anos manifesta em uma mudança qualitativa nas mentes das crianças.

Esta evolução é necessária chegar a uma compreensão adequada leitor. Seu desenvolvimento como uma metáfora mencionada, depende meio nutritivo

cultural para ambas as condições, e próprias capacidades dos indivíduos para fazer acomodações mentais para os componentes da linguagem escrita (FERREIRO; PALÁCIO, 1987, p. 95).

Desta maneira, se as condições ambientais forem ruins em estímulos, o desenvolvimento dessas habilidades pode enfraquecer ou desperdiçar-se. Mas, acontece também que a presença de um ambiente muito favorável não é própria garantia, seu bom desenvolvimento, onde as exigências cognitiva e verbal não foram cumpridas. A experiência mostra que crianças com dislexia são em todos os ambientes socioculturais.

Alguns autores têm desenvolvido o conceito de “emergente alfabetização”, termo em Inglês que se aplicam a ambos os domínios que alcançam os filhos de um conjunto de habilidades necessárias para executar aprendendo a mesma leitura como desenvolvimento da leitura inicial.

O termo “alfabetização” não tem uma tradução equivalente em língua castelhana e seu significado De acordo com o Dictionary é “o estado ou condição de ser alfabetizado” permitindo aproximar esse conceito para processo iniciado em alfabetização ou de linguagem escrita (DUMONT et al., 2008, p. 46).

O termo refere-se de uma emergência cognitiva contínua, que são configuradas em alguns processos que fundamentam esse aprendizado. Dessa forma, de acordo com Dumont et al. (2008), que diz que não há explícita definida demarcação entre os processos de pré-leitura e de leitura, surge como leitura e configurado pela interação de destrezas, conhecimentos e atitudes que as crianças desenvolvem antes abordagem funcionam, seja no jardim de infância, se nos primeiros anos do Ensino Básico.

Os autores acima realizaram uma revisão de numerosa pesquisa que procurou determinar os componentes deste chamado “literalismo pop”, separando-os em dois conjuntos de habilidades e processos que emergem na interação. Alguns são determinações de leituras fora do mesmo processo, como a linguagem oral e textos onde você aprende processos.

O outro componente é formado pelo desenvolvimento habilidades cognitivas necessárias para neuropsicológicos decodificar palavras (processos “de dentro para fora”). Incluindo a mencionada consciência fonológica, consciência e conhecimento sintático de letras.

Segundo Silva (1994), algumas pesquisas que envolvem leitura inicial, estudaram a qualidade dos textos para aprender ler, mas não foram suficientemente investigadas a relação entre o conteúdo em si e os textos para o desenvolvimento de processos cognitivos em crianças. No entanto, depende da interação de desempenho da aprendizagem progressiva ou regressiva.

Considera-se, ainda, que não são conhecidos com bastante precisão todos os processos cognitivos necessários para a aprendizagem de ler, o que torna o conceito de interação entre eles é o conteúdo textual é usada para unir dois conjuntos de processos conhecidos apenas parte: quem vem de “fora” nos textos, e esse processo de “dentro” do assunto.

Do ponto de vista dos processos cognitivos envolvidos para abordagem formal para leitura, as crianças devem aprender a aplicar três estratégias que são essenciais para entrar na linguagem escrita. Cada um exige o desenvolvimento prévio e utilização adequada de habilidades diferentes. Estas estratégias têm alvo reconhecimento fonológicas de letras e sílabas, reconhecimento visual de palavras-ortográfica e reconhecimento seu significado semântico. Todos os três são sobre convergente e cujo objetivo final sinais gráficos visualmente perceptíveis são entendidos verbalmente.

A aplicação da estratégia de leitura fonológica é uma alternativa utilizada, para que se alcance nos alunos a decodificação de palavras, onde pode-se assim, transformar cartas escritas em sons associados com a própria linguagem oral.

Essa “consciência fonológica” é operacionalizada em algumas habilidades para processar a informação fonêmica contido nas palavras, o que é essencial para a decodificação. A estratégia de leitura fonológica aplica-se a discriminar, segmento, modificar e integrar sequências fonográficas palavras e culmina com a integração e articulação, permitindo reconhecer auditivamente. Os processos que formam a consciência fonológica têm foram agrupados em três fatores: um fator de fonemas, sílabas um fator e um fator de rimas, sendo o primeiro que melhor prever a aprendizagem da leitura. A consciência fonológica começa com o desenvolvimento da linguagem oral, como uma aprendizagem não consciente, mas também pode exercer por métodos de jogos linguísticos em que as crianças brincam para alterar as palavras e os seus componentes, variando a sua pronúncia ou localização sintática (SILVA, 1994, p. 81).

Para iniciar a estratégia fonológica, as crianças precisam saber alguns fonemas anteriormente, e algumas cartas, para estabelecer associações de base, em língua castelhana rapidamente fazer no reconhecimento sílaba. Este processo permite associações reconhecidas entre os segmentos de palavras e sua pronúncia. Para continuar a integração bem-sucedida é essencial entre a memória visual gráfica das

cartas já conhecidos e a pronúncia. Memória auditiva-fonológico armazenamento na memória de algumas sílabas frequentemente facilita o reconhecimento de palavras que contém os mesmos fonografemos, para encontrá-los em sua leitura.

De acordo Silva (1994), uma vez crianças assimilar este sistema de conexões pode aprender a decodificar todas as palavras e construir um vocabulário visual. Para fortalecer este processo deve ter em conta o poder de memória auditivo-fonológica é maior do que a memória visual, assim, portanto, as teclas de fonemas são mais fortes do que pistas visuais para retenção de sílabas e palavras. Nesse caso, o reconhecimento visual de uma palavra produz um efeito fonológico, a dispará-lo.

Estudos mostram que a segmentação fonológica seria a capacidade básica para iniciar a decodificação. Ela começa com o reconhecimento de alguns fonemas isolados, o qual é então estendido para maior número de sons. Neste processo, o reconhecimento do fonema inicial ser a chave para desencadear a consciência fonêmica total de palavras.

Assim, a nossa investigação em curso tem mostrado que o reconhecimento fonema inicial junto com o conhecimento o nome do alfabeto das crianças entrando no ensino básico de primeiros anos prevê 40% da leitura final deste curso (SILVA, 1994, p. 56).

Junto com o reconhecimento inicial de fonema deve ser mencionado o papel a capacidade de segmentar as palavras ouvidas ou segmentar consciência. Para conseguir isso, devemos começar a aprender a distinguir fonemas cujos sons proporcionar diferenças o significado das palavras. A consciência seria segmentar dois componentes: descentralização e pensamento analítico. A Descentralização é necessária para distinguir quais propriedades são estímulos auditivos relevantes, no âmbito da atual linguagem e fazer exigido tanto sucesso, além de ter um limiar auditivo, grau de experiência como alfabética O nome e som de algumas letras. Pensamento analítico, por sua vez, facilita a captação e categorização fonemas, como discutido mais tarde.

Lerner (2002), entretanto, faz notar que o procedimento para montagem de palavras de reconhecimento e segmentação de seus fonemas, permite que a criança generalizar estratégias embarcar para novas palavras, gerando novas receitas no léxico. No entanto, deixar claro que o processo de montagem não fonema torna-se um fonema, mas uma sequência de processo fonológica você tem que levar em conta “o contexto intralexical” das palavras. Segmentação e fonemas integrando automação ocorre para reconhecimento de palavras escritas.

O sucesso no presente processo depende da atenção visual para diferenças ortogonal entre as palavras, que ocorre quando há consciência do seu significado linguístico. Lerner (2002) considerara que o reconhecimento visual é secundário para a decodificação fonológica. A habilidade de reconhecer palavras de alta frequência emerge gradualmente após o reconhecimento da letra, e começa primeiro com um processamento fonológico, em seguida, tentar reconhecimento lexical. Por conseguinte, não seria adequado como crianças para começar a ler reconhecendo algumas palavras se você ainda não começou antes na decodificação fonológica. Além disso, descobriu-se que crianças com leitura atrasada utilizam indevidamente as informações de ortografia quando estas de processamento. No entanto, ambos os processos desenvolvem progressivamente em leitores normais.

O peso do conhecimento da semântica para reconhecimento visual ortográfica e a associação visual semântica explica porque a maioria reconhecida das palavras rapidamente incomuns que você usa com frequência. Confrontado uma palavra que não conhece o assunto atende alternativas nos seus possíveis significados, juntamente com as possibilidades de pronunciá-lo. O reconhecimento da sua importância confirma a exatidão decodificação (LERNER, 2002, p. 85).

Um estudo de Lerner (2002) estimou que, em leitores normais co-ativação de representações ocorre fonológica e ortográfica, o que não acontece em crianças disléxicas, cujo léxico mental mostra qualquer conexão entre eles.

A fraca ligação entre os dois tipos de representações pode ser um problema central em crianças com dificuldades de aprendizagem, para ver uma palavra escrita falha automaticamente evocar seu som. Nem a percepção de fonema evoca leitores qualificados ambos as imagens de modo coativas relativamente fáceis. Do ponto de vista neuropsicológico, a velocidade dos processos visuais, auditivos e verbais é um fator determinante para integração. Cada consome milissegundos que determinar o seu timing. A baixa velocidade produz algumas assíncronas que seriam decisivas para o sucesso na leitura.

Pesquisas recentes mostram que há processos cognitivos e psicolinguísticos, que se desenvolvem durante os anos pré-escolares, que são fundamentais para o sucesso da aprendizagem leitura. Esse aprendizado tem uma emergência progressiva interação com as habilidades cognitivas das crianças. Pesquisa de Lerner (2002) sobre o rastreamento do jardim de infância diz que a chave sua aprendizagem inicial é o desenvolvimento da consciência fonológica, isto foi confirmado em estudos em

crianças diferenciadas. Aprendizagem de crianças normais e com dificuldades de aprendizagem de leitura.

Além disso, os estudos sobre as fases leitoras de aprendizagem também mostram que a aprendizagem da leitura ocorre no reconhecimento de palavras a partir de alguns processos cognitivos fundacional. Estes processos não constituem uma plataforma estática, determinar por si mesmo o sucesso na aprendizagem e leitor pode ser avaliado com alguns testes administrados no final do Jardim Infantil ou ao iniciar o primeiro ano, como eles variam e mudam sua previsibilidade como resultada da mesma aprendizagem.

A literatura como estratégia na escrita e leitura

O contato com livros para crianças pode estar presente desde antes do nascimento ou do berço quando colocado nas mãos da criança seu primeiro livro ou quando se ouvir as rimas e canções de embalar que gerações de mães e avós cantaram. Estes eventos cheios de melodia, vocabulário e imagens estão criando a linguagem que permite a criança a compreender o mundo e o lugar que ele ocupa.

As crianças aprendem a partir da linguagem que ouvem; daí que, quanto mais rico o ambiente linguístico, mais rico será o desenvolvimento da linguagem. O processo de apropriação da língua continua ao longo dos anos escolares, por forma a que esses anos deve ser preenchido com as imagens e vocabulário emocionante que dispõe de literatura infantil.

De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (FREIRE, 2006, p. 13).

O termo literatura poderia ser definido a partir de uma perspectiva histórica ou cultural, do ponto de vista de uma ou outra crítica, ou provenientes de um ou outro leitor. Como promotores da leitura entendemos a literatura como o imaginário de construção da vida e pensamento em formas e estruturas de linguagem, integrado em um conjunto de símbolos que são a causa de uma experiência estética.

Esta experiência pode ser a reconstrução ou a expansão de eventos anteriores ou a criação de novas experiências através da interação com os diferentes gêneros. “Um gênero é uma classe ou tipo de literatura que possui um conjunto de características comuns” (CHARTIER, 1999, p. 64).

Assim, se pode falar de cinco gêneros: ficção ou literatura romântica ou mistério; literatura tradicional, representada por fábulas, lendas e mitos; fantasia, relacionada com temas fantásticos; poesia; e realista, ligado a biografias.

A fundação de todos estes gêneros é o papel da literatura imaginativa que permite ao aluno o enriquecimento pessoal, o conhecimento do património cultural do seu contexto social, a reafirmação da sua identidade e o contato com mundos diferentes, o que favorece o desenvolvimento de pensamento divergentes.

O que se pode dizer é que a criança, desde muito pequena, participa na literatura como um jogo, diversão ou entretenimento. Quando vai para a escola também tem contato com a literatura não apenas para fins de entretenimento, mas também com outras intenções: Aprender a ler e escrever, culturais, morais, religiosos e educacionais.

Neste sentido, vale a pena mencionar Lerner (2002), quando este assinala que a criança desde o nascimento está exposta a produtos literário que sua cultura oferece para diversos fins e através de diversos meios de comunicação (por exemplo televisão, rádio, cinema). Ou ouvir canções de ninar, narrar ou ler histórias. Quando se fala, se brinca com palavras, canta canções e aprende com enigmas.

Este fato determina que as crianças podem aprender algumas regras de operação ou marcas de texto literário de maneira inconsciente. Isso lhes permite desenvolver esquemas de antecipação sobre o funcionamento da linguagem escrita, que será de grande utilidade para a aprendizagem da leitura. No entanto, nas primeiras atividades espontâneas de expressão oral e de leitura na criança surge encanto pelas histórias. Este género literário é a mais utilizada pelos professores para ensinar a ler na sala de aula; porque é mais comum, adequado e aceite em todas as idades.

Além disso, a história é uma ferramenta que estimula o pensamento criativo, imaginativo e crítico das crianças, permitindo que se expressam em uma variedade de formas. A partir do nível de educação inicial e pré-escolar, as crianças mostram interesse em explorar e fazer contato com diferentes materiais de leitura e escrita, o que induz a manifestar experiências e experiência real e imaginativa, dando origem à expressão de ideias, emoções e sentimentos que permitem emergir o seu mundo interior. Por conseguinte, a utilização da história se torna uma ferramenta de ensino útil emocionalmente e criativamente para acompanhar a criança no seu processo de formação.

Estas ideias são complementadas por Lerner (2002), que diz que a literatura fornece crianças com conhecimento, prazer e gratificação, é uma experiência

enriquecedora que lhes dá a oportunidade de compartilhar sentimentos, significados e outras construções de acordo com suas necessidades e interesses particulares.

Além disso, Lerner (2002) considera que o discurso literário difere de outros discursos, porque favorece a liberdade do leitor interpretativa, portanto cada leitura, mesmo do mesmo texto, é transformada em uma nova aventura para a criança.

Por sua parte, Chartier (1999), salienta que ele vê não só o ensino da literatura como uma forma de desfrutar, nem como uma forma de se aproximar do espírito, porque "a leitura da literatura" é uma experiência, uma forma de viver indiretamente vidas e emoções e se aproximar dos seus próprios e, portanto, enfrentando dilemas vitais.

Nesta perspectiva, a Literatura infantil é um poderoso meio para a transmissão da cultura e a integração das áreas de conhecimento: história, música, arte, psicologia, sociologia, etc., o enriquecimento dos universos e formação conceitual em valores. Além disso, a literatura desempenha um papel essencial na escola e em casa como uma ferramenta que favorece uma abordagem para processos de leitura e escrita.

Conclusão

Diante das dificuldades encontradas na formação de bons leitores e escritores, os textos têm suma importância na realização desses objetivos. Assim, os textos literários ajudam no processo de ensino-aprendizagem; fica claro que quando os educadores trazem textos que condizem com a realidade dos educandos o gosto pela leitura ou pela escrita torna-se um momento de intenso prazer. A multiplicidade de textos em sala de aula com certeza estimula o gosto pelas leituras e é aí aonde a criança vai se sentir motivada a praticar a leitura de uma maneira divertida e satisfatória, não se sentindo obrigada a ler, ou seja, a leitura é encarada de maneira lúdica e prazerosa.

É dever da escola promover o desenvolvimento da leitura e da escrita. Os educadores devem, acima de tudo, ter como base o diálogo com os educandos promovendo momentos de troca, e levar o aluno a questionar ou desafiando assim os mesmos a buscarem novos conhecimentos.

A escrita e a produção de texto promovem uma relação diferente com o pensamento, ajuda o aluno a criar, reorganizar, enriquecer e reconstruir um conceito anterior para alguns professores, o mais importante em termos de produção textual é como ensinar o aluno a fazer aquilo eles consideram um bom texto, ou seja, um texto sem rasura e sem os chamados "erros" de ortografia e gramática. Até buscam "macetes", regras para o "o bem-escrever", conseguindo textos que parecem sair uma forma única.

Deste modo, o caráter criativo e lúdico do texto é cercado por regras que tornam a produção escrita, uma atividade que desmotiva, cansativa, excessivamente controlada pelo professor. A grande preocupação dos educandos passa a ser o número de linhas que têm de escrever.

Todos educadores, principalmente os alfabetizadores, precisam entender que a ortografia funciona como recurso capaz de “cristalizar” na escrita diferentes maneiras de falar dos usuários da mesma língua. Escrevendo de forma unificada, podemos nos comunicar mais facilmente. E cada um continua tendo a liberdade de pronunciar o mesmo texto à sua maneira quando, o lê em voz alta. É necessário conscientizarmos que a ortografia é uma convenção social cuja finalidade ajudar a comunicação social.

O professor alfabetizador deve criar um meio rico, estimulante, para levar cada educando a percorrer os territórios do imaginário estimulando a imaginação estruturando assim o imaginário, levando cada educando a inspiração, podendo consequentemente os mesmos se expressar de maneira significativa.

Pelo que sabemos alfabetização e letramento se mesclam e se confundem e a discussão do letramento surge sempre envolvida no conceito de alfabetização, o que tem levado a uma inadequada e imprópria síntese dos dois procedimentos, com prevalência do conceito de letramento sobre o de alfabetização. Mas não podemos separar os dois, pois o aluno alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever; letrado é o aluno que sabe ler e escrever, mas que responde adequadamente as demandas sociais da leitura e da escrita. Assim, alfabetizar letrando simultânea e indissociavelmente, é o caminho para inserção da criança no mundo da escrita.

Durante o processo de ensino/aprendizagem o papel dos educadores é essencial, pois eles irão atuar como agentes facilitadores da leitura e escrita ao incentivar e guiar a criança ao longo de sua vida escolar. A partir de um trabalho proposto pelo processo de leitura e escrita é possível que a criança realize atividades que desenvolvam suas habilidades com perfeição ou ao menos com bastante facilidade e interesse.

Isso porque um indivíduo letrado é capaz de associar diversos assuntos distintos, por exemplo, sobre cultura, sociedade, política, economia, tecnologia e outros inúmeros assuntos que estão em contato com seu dia a dia. Sendo assim, o aluno alfabetizado e letrado é aquele que além de conhecer, compreender as letras e as práticas da leitura e escrita é capaz ainda de desenvolver novas formas de compreensão e desenvolvimentos das práticas para que atenda as condições e requisitos que lhes são solicitados na sociedade na qual convive.

Dentre as dificuldades de aprendizagem, as principais são encontradas em sua maioria entre alunos quando criança que não sabem ler nem escrever, ou melhor, não conhecem as letras do seu nome. Além disso, por vezes estes alunos têm dificuldades de interagir com os colegas de turma e também com o professor, ou ainda não participam das atividades nem frequenta as aulas e, até mesmo quando se abstém de ajuda no exercício das tarefas escolares, esses são exemplos de algumas das dificuldades encontradas em sala de aula.

Referências

ANTUNES, C. **Trabalhando habilidades**: construindo ideias. São Paulo: Scipione, 2003.

BISPO, N. L. **Imagem mental, memória e dificuldades de aprendizagem na escrita**. 2000. 156p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, São Paulo, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHARTIER, R. **A Aventura do Livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

CURY, A. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DUMONT, S. E. *et al.* **Sistema de Ensino Aprende Brasil**. Volumes 3 e 4. Curitiba: Positivo, 2008.

FERREIRO, E.; PALÁCIO, M. G. **Os Processos de Leitura e Escrita**: Novas Perspectivas. Tradução de Luiza Maria Silveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 47. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KRAMER, S. **O papel da Educação Infantil na formação do leitor**. Trabalho encomendado pelo MEC/SEB. Diretoria de concepções e orientações curriculares da Educação Básica. 2001.

LERNER, D. **Ler e Escrever na Escola**: o Real, o Possível e o Necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão escolar**: teoria e prática. 4. ed. Goiânia: Editora alternativa, 1991.

SILVA, A. da. **Alfabetização**: A Escrita Espontânea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1994.